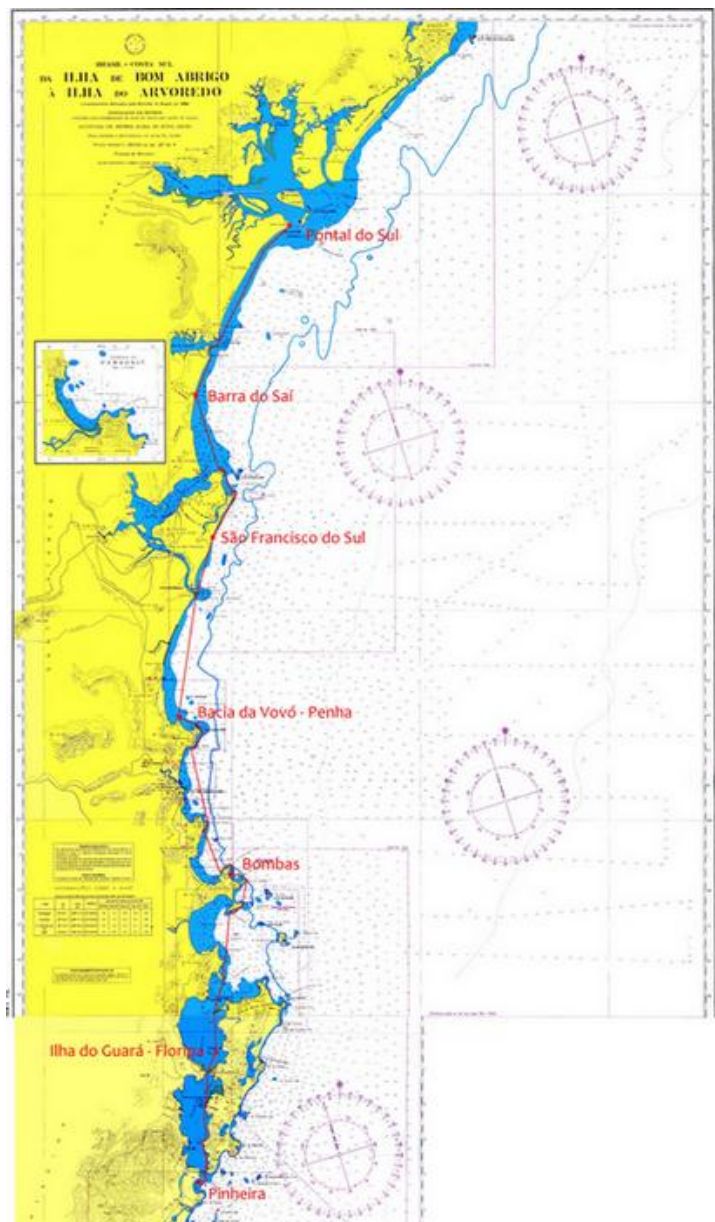


Expedição Ilha do Mel – Florianópolis em caiaque oceânico

Christian P Fuchs, 323 km, 6 dias, 13 a 18 de janeiro de 2011



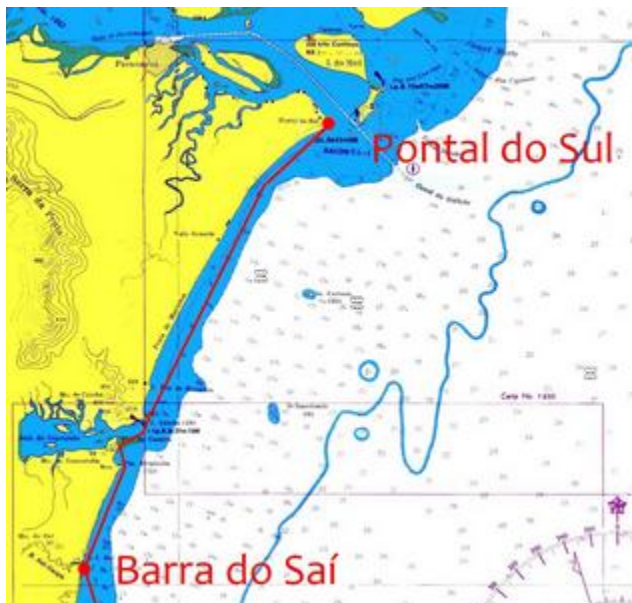
Já há quase 2 anos de jejum em expedições grandes, devido a um período de trabalho pesado, somado ao nascimento do Rafael, a patroa grávida do próximo herdeiro(a), resolvi de última hora (mesmo!) embarcar em uma pra “relaxar”: vou começar na ilha do Mel e vou até onde eu conseguir em 6 dias.

Depois de muito refletir, consegui achar um formato de viagem que estivesse compatível com o meu atual estágio de vida. Infelizmente viagens de um mês começam a ficar mais difíceis de negociar, então resolvi começar a dividir as empreitadas em etapas de 6 a 10 dias, que acabam custando um pouco mais, mas são mais fáceis de administrar.

Aproveitando uma brecha no calendário de trabalho, uma janela de bom tempo e uma cirurgia bem sucedida da minha mãe, consegui recrutar o meu sogro Marcos e a Sandra pra me levarem até Pontal do Sul, litoral do Paraná e iriam me pegar onde eu parasse no final. Já poupou a logística de ônibus, pra voltar pra pegar o carro!

Com um mega trânsito na BR116, acabamos chegando em Pontal do Sul as 4 da manhã, onde arranjamos uma pousadinha pra passar a “noite” (ou as 3 horas restantes dela) pra começar a empreitada no outro dia. Nunca saí tão de repente, sem maiores planejamentos, pra uma viagem... deve ter levado umas 3 horas de preparação!

Dia 1 - Quinta, 13 de janeiro de 2011 — Pontal do Sul a Barra do Saí - 56 km, 30 M (milhas náuticas)



As 8 da manhã já estava com o barco pronto e carregado, na beira da praia, pra partir. A previsão era solzão e mar tranquilo pra semana toda. O GPS tinha ressuscitado, depois de dado como morto na última expedição de Salvador pra Recife. Entrei com o Artic carregado bem na frente do banco de areia da Barra do canal de Calhetas, na saída da Ilha do Mel. Um barco pesqueiro que passou antes me indicou a saída do canal paralelo à praia e lá fui eu! Eita saudade! O vento começa sempre soprando de oeste, leve, passa pra sul, contra e estabiliza lá pelas 10 de leste, indicação de tempo bom e estável. Leste é praticamente perpendicular ao meu rumo e matutando um pouco, inventei uma nova formatação pra velha e boa amiga das remadas longas, a vela! Prendi os elásticos que esticam as duas varetas pra frente somente no lado esquerdo, onde o vento estava entrando, conseguindo assim aproveitar um pouco do vento de través.



Ilha do Mel vista do Pontal do Sul



Marcos e eu na saída

O litoral sul do Paraná não é lá muito convidativo, uma praia longa, bastante povoada e cheio de banhistas nessa época de verão. Cada balneário tinha contratado bandas de axé, animadores que faziam ginástica com a turma na praia, tudo regado àquela sonzera lascada! Tudo o que eu queria passar bem longe!

Parei pra dar uma descansada na praia e comer algo, fiquei conversando com um sorveteiro que ficou maravilhado com o meu caiaque e com a idéia de viajar naquele negocinho. Sempre uma interação interessante.



Canoa caiçara paranaense, feita em fibra



Pontal do Paraná



Vela no través

A tarde, passei por Matinhos, Caiobá e fui me aproximando da Barra de Guaratuba, onde o Alê Stus e o Agnaldo passaram um perrengue na viagem deles. Realmente é uma barra de respeito! Mesmo com o mar tranqüilo, fui chegando perto da ponta de pedra e já vi as ondas quebrando lá fora, de vez em quando passando lotadas por um suposto canal que eu tinha visualizado. To vendo que vai ser diversão passar por lá! Guardei tudo e já me preparei pra um possível impacto profundo. Acabei passando pelo corredor polonês de ondas sem tomar nenhuma e depois da agitação entre a ponta e a ilha, entrei pelo canal já bem mais tranqüilo. Encostei num trailer e negociei com os R\$20 que eu tinha, uma porção de peixe, um milho e uma água.

Saí de novo pelo canal paralelo a praia, passei pela lotada Guaratuba e realmente depois disso, o litoral começa a ficar mais tranqüilo.



Guaratuba



Ilha do Saí, olhando pra Guaratuba



Primeiro acampamento

Com as poucas horas dormidas e a longa estiagem remadorística, já tava todo requenguelo, sem posição, bolha na mão e pra completar o percurso final, uma baita de uma corrente contra! Tava estranhando que a tal da Ilha da Barra do Saí não chegava nunca!

Cheguei no final das forças na ilha, pensando em passar a noite lá e aportei pra averiguação. O lugar até era bonito, mas ia ser complicado desembarcar num lugar bom, então achei um lugar deserto, na ponta da Barra do Saí, pro lado do estado de Santa Catarina. Só pra fazer graça, dormi a primeira noite já em SC! O lugar escolhido foi realmente o mais bonito do primeiro dia! Armei a redinha, tomei um banho de rio, que tava com maré vazante, portanto tava doce, driblei um time todo de mutucas, pulei pra dentro do mosquiteiro e fui dormir as 9.

Soube no outro dia, que um amigo remador (Rogério e a Bernardete, com seus amigos John e Lela) viram-me desembarcando na Ilha e deram risada quando ligaram pra casa e falaram que tinham me visto! Pra fazer coisa errada tem que ser muito bem feito mesmo! Sempre tem alguém de olho!



Reserva de Barra do Saí (SC)



Barra do Saí

Dia 2 – Barra do Saí – Praia Grande do Ervino, São Francisco do Sul – 56 km, 30M



Tomei o meu café, liguei o GPS e descobri que o danado tinha me deixado. O velho guerreiro companheiro acabou morrendo afogado e reforçando a teoria, que equipamentos eletrônicos são a prova d'água, só bem longe da água.

Esse litoral tem formações engraçadas, com montanhas mais altas, cercados por regiões bem planas e baixas, dando a impressão que eram ilhas de longe. Daí, pra tentar pegar o vento mais favorável (que não aconteceu), tracei uma reta na ponta de São Francisco, que tava longe pra burro (22 km) e só dava pra ver o morro embaçado no horizonte, azulado, de tão longe. Depois de mais de 4 horas direto de remada, encostei da praia do Forte, bem bonitinha, uma base do exército. Remei mais um pouco e encostei na praia da Enseada, mandei um pelo PF de peixe, contornei a ponta da Petrobrás e resolvi tentar dormir na praia gigantesca e deserta, com mar aberto, da ilha de São Francisco do Sul. Descobri que a galera do sul adora comer churros na praia!

Um longo trecho plano, botei como meta 2 morretes no meio da praia, na altura de 3 ilhotas. Quando cheguei mais perto, vi um abrigo de pescadores e resolvi encostar, lá pelas 18:30, com a esperança de achar água doce pra tomar um banhinho. O ponto onde encostei era mais tranqüilo, mas fiquei imaginando que aquilo com mar grande, iria ficar bem complicado...



Praia do Forte



Praia Grande do Ervino pro N



Caiaque estacionado

O rancho estava deserto, mas achei uma caixa d'água que recolhia a água da chuva do telhado e consegui tomar um banho de caneca com o fundo de água que tinha nela. Puxei o caiaque pra cima, fiz uma terraplanagem na praia inclinada e armei só a parte de dentro da barraca, pra fugir das mutucas e dormir mais fresquinho, apostando que não ia chover. Tolinho eu!

Claro que as 2 da manhã, fui acordado com o barulho de pingos gigantesco caindo e quando saí da barraca, tava sendo engolido por uma nuvem preta medonha, cheia de raios! Deu tempo de jogar o sobre teto por cima e ficar administrando as goteiras, enquanto o céu desabava.

No final, até que deu pra ser feliz e dormi bem.

Achei uma garrafa de água da Nova Zelândia no meio do lixo trazido pelo mar na praia e fiquei imaginando que teria trazido aquilo... a água acaba-se em alguns minutos, mas com certeza aquela garrafa PET ia ficar boiando por uma boa centena de anos.

Seguindo a teoria dos eletrônicos, a minha câmera fotográfica, teoricamente à prova d'água, também sucumbiu e acabei ficando sem fotos do começo do terceiro dia pra frente. Que meleca! Pensei comigo, que deveria ser um sinal pra eu desenganar de toda a eletrônica e fazer uma viagem como nos velhos tempos, sem GPS, fotos, previsões, relatos, blogs e nada! Vamos só remar! Por um lado foi ótimo, que te libera de uma obrigação disfarçada, de ter que parar em algum lugar com internet, relatar o que vc viveu no dia, etc. Assim eu sempre escolhia um lugar mais deserto pra parar e que se dane!



Arrebentação



Segundo acampamento

Dia 3 – São Francisco do Sul – Baía da Vovó, Penha , 54 km, 29M



Acordava lá pelas 6:30 e geralmente as 8 já estava remando. Tirei o rumo na ilha Feia, na saída de Barra do Sul e tome remada. Em viagens grandes é comum doer tudo nos primeiros dias, mas depois começa a doer tudo por igual e vc nem percebe mais. Dessa vez foi uma dorzinha na homoplata direita, que eu nunca tive, que ficou presente até o último dia de viagem. Devo estar ficando velho!

Fui acompanhando um monte de barcos de pesca arrastando redes, geralmente um pouquinho mais rápido que eles, só curtindo as gaivotas, fragatas e atobás mergulhando atrás dos peixinhos que são descartados das redes de arrastão. E não são poucos... tadinho do mar. Tinha até carangueijo boiando...



Entrei na Barra do Sul, encostei do lado de uma garotada alugando caiaques, que ficaram curiosos com o meu caiaque “tunado”. Comprei umas frutas, comi um lanche e toca fazer outra travessia longa de novo. Embiquei na ilha Feia de Penha e toca remar. A direção do vento ficou levemente favorável e botei a santa velinha pra trabalhar. Passei ao largo de Barra Velha, vi uns botos marrons, bem pequenos, com bico fino e barbatana bem triangular. Passaram tão perto que até assustaram comigo.

Orcei o que dava com a vela mas teve uma hora que tive que baixar a danada e seguir meio contra vento até a ilha. Dei uma volta nela, pensando em passar a noite lá, mas como estava com pouca água e o desembarque nas pedras com o caiaque carregado poderia ser perigoso, desisti da idéia. O lado sul da ilha é um dormitório de atobás, gaivotas e biguás, com árvores tipicamente peladas, por seu “perfumado” excremento.

Desembarquei na praia da Bacia da Vovó, entre Penha e Piçarras, super populosas. Achei um cantinho na praia, tomei banho numa ducha em formato de golfinho e armei minha rede entre uma matinha e a rua sem saída. Nem por isso deixou de ter carros pacas!

Encostou uma galera de Blumenau, descarregaram barracas e foram pro canto da praia dormir por lá, apesar de proibido. Como o céu tinha ficado um pouco mais carregado, eu armei no meio da noite o toldo da rede, bem de qualquer jeito e o castigo veio às 4 da manhã, com uma chuva monstro! Eu tentando me encolher pra escapar da chuva, mas não deu jeito. O saco de dormir começou a molhar, então eu guardei-o no

saco estanque e decidi armar o toldo melhor, já que a água tava escorrendo pelas cordas da rede e já tinha encharcado tudo. A galera do acampamento tb voltou xingando tudo, com os pedaços da barraca na mão e foram dormir espremidos no carro.

Conseguí fazer a água parar de escorrer pela rede, troquei minha roupa por algo seco, me enrolei no sobre teto da barraca e me joguei de volta na rede (molhada, claro). Como a barraca já está meio velhinha, claro que o sobre teto deixou passar água e eu acabei molhado, mas como tavaquentinho, desencanei e resolvi resistir até de manhã, enquanto a chuva continuava a cair.

Já lá pras 5:30 da manhã, 2 carros acenderam os faróis pra cima de mim e pensei: pronto, só falta ser a polícia pra me tirar daqui! Me fingi de morto e continuei dormindo. Quando começou a querer a clarear, lá pelas 6:15, saiu uma família inteira de dentro do carro, de biquíni, cadeira de praia, guarda-sol, prancha e bola e foram direto pra água. A molecada já se rolava na areia, o mar ainda revolto, ventando e chuviscando, as mulheres armavam as cadeiras e guarda sóis e eu não resisti e perguntei se era normal eles estarem tão cedo na praia. A titia de Jaraguá do Sul falou que aquela era a melhor praia e que enchia muito, que tinha que chegar cedo pra pegar lugar... mas precisava ser tão cedo??? Cada doido com sua mania...

Dia 4 – Penha a Bombas, 57 km, 31,5 M



Parti após a velha e boa granolinha e contornei a ponta do vigia e pra minha surpresa, começou a ficar bem interessante. Eram paredões grandes, com mar agitado e um monte de prainhas desertas no meio deles, algumas delas que daria até pra encostar. Pelo relevo acidentado não



pensei que tivesse estrada, mas deu pra ver pescadores nos costões e em uma baía, uma casa gigantesca. Ao longo da praia Vermelha, um paredão abrupto, que tinha até pista de decolagem de parapente. Na água, um monte de pedras espalhadas, que daria um belo parque de diversões pra fazer “rock garden” de caiaque. Até umas praias bem escondidas, com ranchinho de pescadores. Coisa linda! Remei bem devagar, naquela preguiça, sem vento, tempo meio encoberto e um calorão danado.

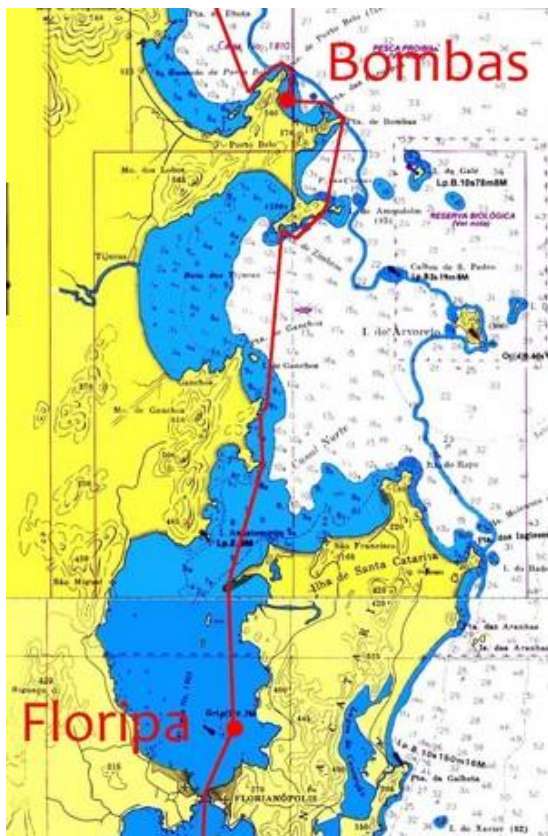
Tirei uma linha infinita pra atravessar a baía de Itajaí e Camburiú, super populosas e cheias de prédios, direto pra Ponta das Laranjeiras. Estava quase dormindo em cima do caiaque, quando um ventinho nordeste deu o ar da graça, pra minha alegria. Aí salvou a quilometragem!

Fui ver se conseguia parar na praia do Pinho, que é de tombo e bem exposta, quando percebi um clima meio estranho nela: só tinha peladinhos! Depois vim saber que é a primeira praia de nudismo oficializada no Brasil e com acesso restrito. O guarda-vidas, pelo menos, estava de sunga! De longe só vi “homens” na praia, to fora!

Parei num rancho do Seu João na praia de estaleiro, um pescador ainda resistindo bravamente no meio dos condomínios, em praias muito bonitas. Fiz um lanchinho e fiquei vendo as fotos dele na pesca tradicional da tainha e contando mentira. Se o vento não estivesse ajudando tanto, até ficaria por lá, que ele tinha um monte de histórias interessantes pra contar. Ele ainda me deu uma água congelada numa garrafa e nem quis cobrar a água que eu tomei. Fiz questão de pagar! É a velha fraternidade do mar, que se ajuda sem poupar esforços. Isso é o bacana de se viajar de caiaque...

Ele me falou de uma praia deserta na península de Bombinhas, também chamada de Estaleiro e me deu mais ou menos a direção. Com o vento já bem forte, cruzei num instante, contornei a ponta e entrei na baía da praia que o guia de praias me indicou. Mais uma vez, o guia de praias me pregou uma peça: a praia estava indicada no local errado e tinha tanta lancha, escunas, bares flutuantes, que mal deu pra entrar na baía de Caixadaço. Fiquei dando risada, com a mulherada dançando axé em cima das lanchas e parti em busca da outra praia “deserta”. Contra o vento, consegui chegar na praia do Estaleiro, mas que tb já não era mais deserta. Uma pousada e um condomínio com uma cerca pra praia já tiraram todo o encanto, mas como já eram 6 da tarde, fui conversar com o dono do bar, que deixou eu dormir embaixo de um trapiche. Disse que tinha uma praia deserta chamada Calhetas virando a Ponta de Bombas e eu nem pensei 2 vezes. Peguei um marzão mega agitado e quando avistei a prainha do outro lado, pensei: ferrou! Realmente era deserta e bem bonitinha, já na baía de Bombas, mas com um cinturão de pedras e ondas batendo que ia ficar impossível a aportagem. Já pra lá das 7 horas, a única chance era ir pra muvuca de Bombas e ver o que acontecia. Entrei surfando e logo parou um bando de argentinos, maravilhados com o caiaque e a vela. Argentina tem muito mais tradição de canoagem que o Brasil e o pessoal ficou super interessado com a viagem. Um rapaz ultra-maratonista chamado Daniel encostou interessado com sua namorada Eliana tb e ficamos batendo papo, quando ele me convidou pra ficar na casa deles. Demorei uns 0,5 segundos pra aceitar! Arranjamos um lugar pro caiaque numa pousada no canto direito da praia, com o dono super solícito tb. Instalações de luxo! Me ofereceram uma cama enorme e comemos pizza patrocinada pelo Bob Marley! Eu explico: o Malabares, namorado da Isa, irmã do Daniel, fabrica marionetes e dá shows (faz o Bob Marley, o Bob Esponja, etc) em pizzarias de Bombas e parte do pagamento é pizza! Nem precisa falar que só demos risada! Mais uma vez a prova que tem um monte de gente boa no mundo, que só faz ele ficar mais alegre. Em viagens desse tipo, vc acaba encontrando um monte de gente assim.

Dia 5 – Bombinhas a Ilha do Guará Grande (Floripa), 59 km, 32M



Daniel e a Eliane me acompanharam na saída de manhã, que já começou com uma leve brisinha a favor. Passei ao largo de Bombinhas, que me pareceu bonita, mas bastante movucada, passei no canal da Ilha do Amendoim e resolvi visitar a praia de Tainhas. Passando o canal, avistei um caiaque de aluguel, que tava até que bem distante da praia e resolvi chegar junto do irmão remador. E não é que o cara tava remando pra valer? Só fui encostar nele quando estávamos entrando na praia e descobri que era argentino. Engraçado como todo argentino é muito mais familiar com canoagem que o brasileiro, apesar de termos condições e lugares muito mais bonitos pra remar. Todos ficaram admirados com a viagem, com o caiaque, com a vela e não com cara de quem viu um ET, como a maioria dos brasileiros. Esse costão da ilha do Amendoim até a praia Tainhas realmente Deus caprichou!

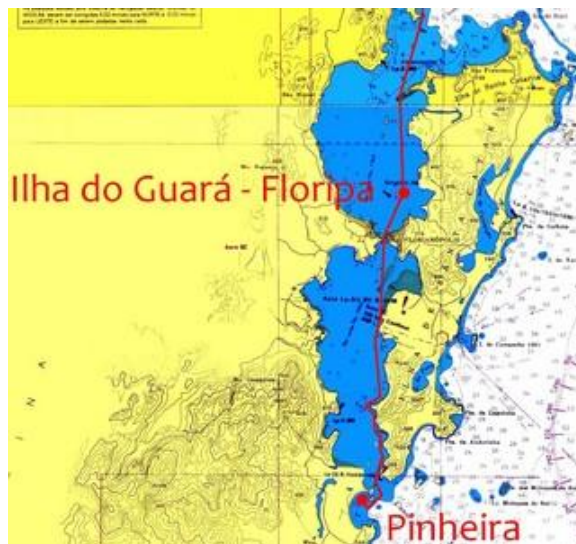
Comi algo e tirei uma linha pra ponta de Governador Celso Ramos, mas confesso que estava meio receoso em pegar o lugar meio lotado e movucado. O vento nordeste começou a soprar forte e a travessia foi só alegria! Passei por uma praia chama Ilhéus, deserta, e resolvi parar. Caramba, que surpresa! A praia era linda! A melhor até agora! Um cara veio me recepcionar, aparecido do nada, com uma calça amarela de

pescador, com sotaque castelhano e me disse que ele era o canoieiro e tava indo pro norte, mas já estava há 10 dias na praia. Só faltava estar com o “sr. Wilson” em baixo do braço! Virou as costas e sumiu do mesmo jeito que apareceu. Dentro dos arbustos da praia estava uma pia com água encanada, a sua canoa, umas painéis e mais umas coisas. Andei até o final da praia e encontrei uma cachoeirinha caindo no canto dela! Que delícia! Uns 10 minutos refrescando a cachola! Aí subi no morro e fiz umas fotos, que iam pra capa do relatório! Pena que a câmera não registrou nada...

Saí de novo por um canal na arrebentação, passei por outra praia deserta linda e rumei pra ponta da praia de Daniela, já na ilha de Florianópolis, parecendo um torpedo amarelo, com o vento a toda! Linda essa parte da ilha, seguida pela reserva de Ratoles, mas rodeada por casas de turistas. Fiz uma escala pra carregar a bateria da câmera e se o vento continuasse daquele jeito, ia cruzar a ilha toda e dormir lá pro sul dela. Infelizmente o vento sumiu e o jeito foi remar. Tava imaginando onde eu iria conseguir lugar pra dormir, uma vez que estava chegando no centro de Floripa, cheio de prédios, shoppings, etc, quando avistei uma ilha, que tinha uma praia ao lado, bem de frente pra cidade. Tinha uma placa dizendo “área militar, bombeiros”, “ilha do guará grande”. Bombeiros geralmente são gente boa e acho que não vou ter problema. Circunaveguei a ilha e encostei na praia, já recepcionado por 2 cachorrinhos barulhentos. Tinha uma casa, um galpão coberto, banheiros e tudo. Não encontrei ninguém, apesar de ter sinal que alguém tava lá há pouco. Aguardei das 6 às 7 e como não apareceu ninguém, tomei posse da ilha.

A chuva era recolhida dos telhados pra várias cisternas e tomei banho de balde, coisa linda! Armei minha rede, fiz um ranguinho, deitei no píer e fiquei contemplando uma nuvem descarregando um monte de raios na altura de Penha, provavelmente. Bela vista pra ponte Hercílio Luz da minha ilha! Não poderia ter sido melhor!

Dia 6 - Ilha do Guará Grande – Pinheira, 41 km, 22M





O céu já estava sinalizando uma mudança de tempo, somado a dois dias de vento nordeste, tava na cara que o tempo ia virar.

Saí sem vento, em direção á ponte, com corrente contra, pela maré vazando. Já perto da praia, cruzei com vários barcos a remo treinando, bem de manhã. Alguns me viram, outros nem notaram. São esportes aquáticos a remo, mas com filosofias totalmente diferentes. Mas o importante é estar na água! Passei por baixo da ponte, onde o canal estreita e a corrente aumenta. Essa parte é bem povoada, com favelas nos morros, diferente do resto da ilha, onde é bem respeitado o limite da cota 40 de altitude, deixando os morros livres de casas e verdinhos.

Cruzei a baía que separa a cidade do aeroporto e depois fiquei sabendo que lá, em frente a umas ilhas de pedra, é onde a maré “vira”. Por azar, a maré já estava começando a encher e eu peguei corrente contra de novo. Fiz uma parada na vila militar da aeronáutica e notei que as casas e vilas dali em diante eram bem mais simples. Depois vim saber que com a invasão de turistas na ilha, os nativos foram todos pro sul da ilha, onde as praias não são tão badaladas. Tanto é que nem o guia de praias especifica as praias lá. Cruzei alguns pescadores esperando pela entrada de cardumes de tainhas (na verdade tainhotas) e vi que a corrente tava pegando pesado e de repente, entrou uma corrente gelada de água. Parei em Caiacanga Açú e perguntei numa casa a beira-mar, onde eu conseguiria um restaurante pra comer algo. Um casal de mais idade e o filho responderam que provavelmente eu não ia achar nada aberto e quando souberam que eu tava vindo remando de longe, na hora falaram pra eu desembarcar e ir almoçar com eles! Na hora, capitão!

Um belo arroz com feijão, peixe, ostra (criada por eles próprios), uma torta salgada, enfim, um banquete! Muito bom poder contar com a hospitalidade e o ótimo papo de pescadores e gente que ainda gosta de receber os outros. Me contaram os segredos das marés, das criações de ostras, que na parte sul da ilha recebem águas mais frescas do mar e são consideradas as melhores do Brasil. Uma ostra filtra mais de 100 litros de água por dia e imagine se ela está imersa em água poluída e com óleo, o que ela não retém! Ficamos no papo até a maré virar e quando saí, o negócio já estava acelerado pra sul, apesar do vento contra. Atrás de mim, uma pesada nuvem já tinha fechado a ilha e vim saber depois, que tinha inundado parte de Florianópolis. A barra de Naufragados é realmente estreita (uns 500 metros) e deságua toda água de uma baía gigante, deixando o mar realmente agitado, principalmente quando o mar está contra o vento. A ponta de Naufragados é linda, com um forte do outro lado do canal e fiquei uns minutos boiando, apreciando o visual. A água já estava bem fria e com vento sul na cara, resolvi não seguir até Garopaba e terminar a remada na praia da Pinheira. Encostei bem na ponta do Papagaio, na peixaria do Zico, um santista que veio pra lá há muito tempo e me recebeu muito bem, oferecendo até uma casa pra gente ficar. Um casal de argentinos encostou tb, atraídos pelo caiaque e descobri que a menina era cunhada de um dos rapazes que remou de Rosário ao Rio de Janeiro, há uns anos atrás. Ofereci a ela dar uma volta de caiaque e ela voltou realizada!

O Marcos e a Sandra chegaram já quase anoitecendo e ficamos mais umas boas horas escutando as histórias do Zico, que até nos convidou pra tomar café com a família. E mais uma remada chega ao final, com chave de ouro e espírito renovado!

Obrigado a todos por mais uma!